

COMUNICAÇÃO



Esta seção analisa a inserção do assassinato de Marielle Franco nas redes sociais e sua cobertura pelos grandes grupos de mídia. O item internacional trata da cobertura dos jornais estrangeiros sobre a morte da vereadora.

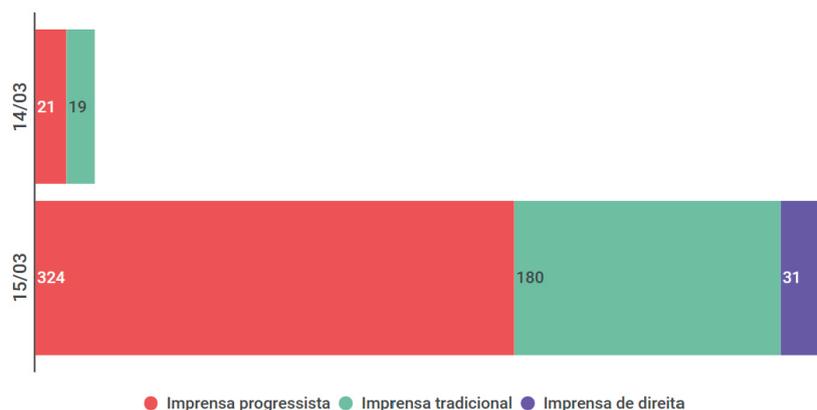
Assassinato de Marielle nas redes sociais

Nas redes sociais online o assassinato da vereadora Marielle Franco teve uma cobertura intensa durante o primeiro dia. A cobertura mais intensiva

foi promovida por páginas de esquerda/progressistas. Em suma, 30,1% da rede tida como progressista foi responsável por 60,5% das publicações sobre o tema.

Assassinato de Marielle Franco: cobertura da imprensa

Número de publicações sobre o tema realizados pelos agrupamentos definidos como imprensa progressista [32 páginas], tradicional [jornais, televisiva, rádios, revistas e jornalismo online: 93 páginas] e de direita [32 páginas]. Em suma, 30,1% da rede tida como progressista foi responsável por 60,5% das publicações sobre o tema.

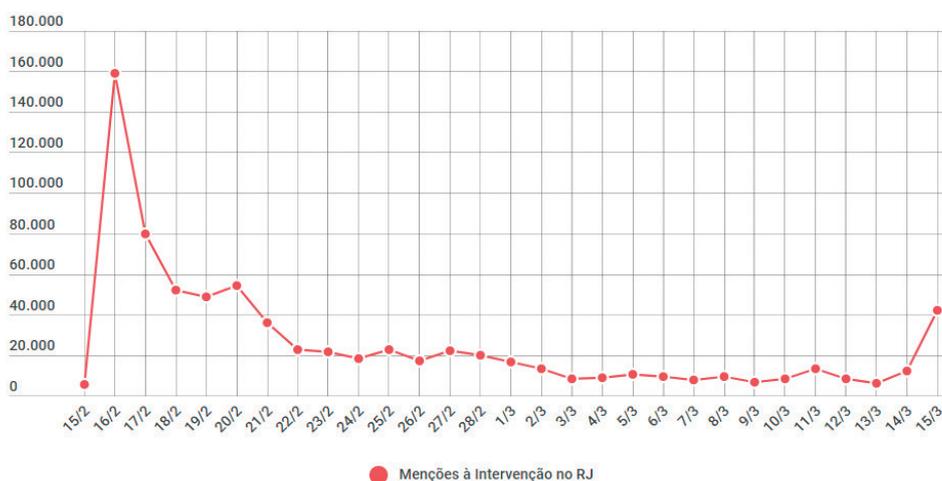


Outro ponto extremamente importante ao analisarmos o período desde o anúncio feito pelo governo federal de que ocorreria a intervenção no Rio de Janeiro é o de que o dia anterior ao assassinato de Marielle Franco foi o dia com o menor volume de citações sobre o tema desde o anúncio. O tema, que teve seu pico no dia 16/02, viu o de-

bate em torno de uma das principais plataformas do atual governo – vista até mesmo como nova bandeira do governo golpista após a queda da Reforma da Previdência – cair por terra. A execução de Marielle, no entanto, fez com que o tema tivesse um crescimento vertiginoso entre os dias 14 e 15/03.

Menções à Intervenção no RJ

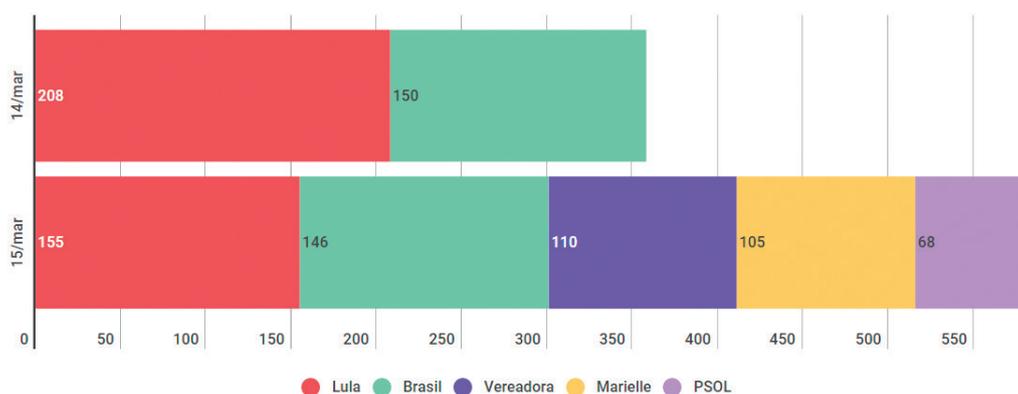
No dia anterior à execução de Marielle, o debate sobre o tema no Twitter **tinha caído ao menor número de menções em um mês**.



É delicado afirmar que as páginas “anti-esquerda” perderam espaço no debate público sobre o assassinato de Marielle Franco. Isso ocorre pelo fato de esse agrupamento não ter se engajado em tal debate com a mesma força que a esquerda/pro-

gressista. Abaixo, os seis termos mais utilizados em 41 páginas anti-esquerda monitoradas no Facebook durante os dias 14 e 15/03. Entre as páginas selecionadas estão jornalistas, movimentos reacionários, políticos e portais anti-esquerda.

Páginas anti-esquerda: 14 e 15 de março



Observa-se no gráfico anterior o principal alvo das páginas “anti-esquerda” no Facebook: Lula. Não importam outros debates, outros temas ou outras pautas. O objetivo desse agrupamento, ao menos durante as próximas semanas será atacar Lula e exigir, a todo custo, sua prisão. Nem que para isso tenham que ignorar o assassinato de uma vereadora e toda a comoção nacional e internacional provocada por ele.

O assassinato e os grandes grupos de mídia

Os grandes grupos de comunicação, particularmente a Globo, noticiaram o assassinato de Marielle Franco com grande senso de oportunidade para aproveitar a comoção em clima de espetáculo e continuar defendendo seus posicionamentos reacionários em prol da intervenção no Rio, além de controlar a narrativa do fato. O movimento é similar ao ocorrido nas “jornadas” de 2013.

A capa de *O Globo* com “Marielle presente” não é uma homenagem, é um escárnio. Assim como o editorial publicado no mesmo dia (16), que ignora o atual Estado de exceção instaurado no país e conclui: “Essa é a oportunidade para que se exerça de fato o trabalho de integração entre as diversas forças de segurança proposto pela intervenção federal no Rio. Elucidar esse caso é dar uma resposta à sociedade. E, ao mesmo tempo, reafirmar o Estado democrático de direito num momento em que ele é perigosamente ameaçado pelo banditismo”.

O Fantástico exibiu no domingo (18) cinco reportagens pautadas para levar o país às lágrimas, com entrevistas da assessora sobrevivente, da viúva do motorista Anderson Gomes, da companheira da vítima, Monica Tereza, e destaque para o que são direitos humanos, no contexto do que moveu a carreira da vereadora assassinada.

O Grupo Globo jamais se preocupou com as bandeiras de Marielle, muito menos com os grupos sociais que ela defendeu até morrer. Ao contrário, como toda a mídia hegemônica sempre legitimou o discurso punitivista em sua programação diária.

O que se pretende é capitalizar a comoção popular, com repercussões internacionais, de modo a controlar as reações políticas internas e evitar a construção de um argumento sólido contra a interven-

ção federal no Rio, e, por extensão, do golpe.

O editorial do jornal *O Estado de São Paulo* (17 de março) classifica como oportunismo o posicionamento do PT. “Em nada contribui para a solução do caso e muito menos para a pacificação do Rio de Janeiro a utilização do assassinato de Marielle para objetivos políticos. Até que o inquérito seja concluído, qualquer sugestão de que o crime tenha caráter político – isto é, que a vereadora tenha sido assassinada em razão de seu trabalho na Câmara do Rio de Janeiro em defesa dos direitos de moradores de favelas e comunidades carentes – é precipitada e se presta a ornar discursos com finalidades oportunistas”.

O jornal também aproveita para mencionar Lula neste contexto. “Não à toa, o PT tratou logo de explorar o caso. Em resolução aprovada a toque de caixa, o partido fez a proeza de vincular o caso de Marielle ao de Lula da Silva, um corrupto condenado”.

E conclui, ao corroborar o discurso da direita sobre os assassinatos de policiais que não recebem o mesmo destaque. “Por outro lado, seu caso não pode ser considerado mais importante do que, por exemplo, o assassinio do policial militar Jean Felipe de Abreu Carvalho, de 29 anos, cometido poucas horas depois, na zona oeste do Rio. Jean Felipe estava de folga e foi baleado por assaltantes. Com isso, chegaram a 27 os PMs mortos no estado do Rio somente neste ano – no ano passado, foram mais de 130 – e nenhum deles teve a notoriedade post mortem da vereadora Marielle.”

Já o editorial da *Folha de S.Paulo*, também publicado no dia 16, destaca o caráter controverso da ocupação no Rio. “Já em si perturbador, o assassinato ocorre num momento especialmente sensível, quando as Forças Armadas, em meio a questionamentos e expectativas, são convocadas a intervir no quadro desastroso da segurança fluminense”.

O assassinato de Marielle na imprensa estrangeira

O assassinato de Marielle Franco foi amplamente noticiado por veículos de comunicação de todas as partes do mundo. As reportagens, produzidas tanto por agências de notícias quanto por correspondentes internacionais denunciaram aos seus

públicos o quadro de extrema violência que assola o Rio de Janeiro. Todas as notícias se referiram a Marielle como uma ativista dos direitos humanos, defensora de LGBTs, voz dos moradores das favelas cariocas, negra e uma crítica severa da ação das polícias e da intervenção federal. A morte da vereadora foi relacionada justamente às descrições da capital carioca como sendo um lugar onde a violência é altíssima e onde as comunidades periféricas são dominadas por gangues de traficantes como o Comando Vermelho ou por milícias formadas por policiais da ativa e outros que já deixaram as corporações. Muitos dos veículos disseram que o crime coloca a intervenção sob pressão e que a falta de resultados nas investigações poderiam representar o fracasso da ação.

Os posicionamentos da ONU e da Anistia Internacional cobrando celeridade nas investigações também foram amplamente noticiados. Em um editorial que critica a situação da violência no Rio, o jornal britânico *The Guardian* afirma que a condenação internacional desse assassinato é importante porque oferece apoio moral àqueles que se manifestam e lembra aos políticos de maior visibilidade que o Brasil será julgado de acordo com a eficiência das investigações e caso as denúncias e críticas feitas por Marielle forem realmente levadas em consideração.

O conteúdo das publicações na imprensa estrangeira, em geral, não teve muita variação. Em um primeiro momento, as notícias publicadas foram sobre o assassinato, as suspeitas que foram levantadas e sobre quem era Marielle e o que ela representava. Na França, o *Libération* reproduziu o tuíte do cientista político Maurício Santoro, “Marielle Franco encarnava uma esperança de renovação em um momento onde a maior parte dos políticos do Rio está na prisão ou a ponto de ser presa”. *The Guardian* afirmou que Marielle era diferente do estereótipo de políticos com os quais o Brasil está acostumado em que a maioria é formada por homens brancos quando mais da metade da população é negra ou parda.

O estadunidense *New York Times* disse que ela era a única mulher negra no Legislativo municipal do Rio e uma das sete mulheres que estão entre os 51 vereadores da capital carioca. O periódico nova-iorquino

ainda trouxe o depoimento da diretora-executiva do Instituto Igarapé, Ilona Szabó. Ela afirmou que Marielle “quebrou barreiras que muitas mulheres negras da periferia pensavam que fossem intransponíveis” e completou, “ela representava esperança para muitas mulheres que nunca pensaram ter voz”.

Assim como muitos outros veículos, o *New York Times* reproduziu um dos últimos tuítes de Marielle, no qual ela questionava “Quantos ainda vão ter que morrer para essa guerra acabar?”, no entanto, diferente dos demais que tentaram dar um ar de sexto sentido à postagem, o *NY Times* explicou que a mensagem se referia à morte de Matheus Melo, de 23 anos. Um caso que não recebeu muita cobertura midiática, de acordo com o jornal, porque tratava-se de um jovem negro pobre em uma cidade onde só aumentam os índices de mortes de homens negros pobres, “muitos morrem nas mãos da polícia, sem muita, ou qualquer, consequência”.

No segundo momento, as notícias trataram do clima de tristeza e indignação que tomou conta do Brasil todo. Jornais do México, Colômbia, Argentina e Chile noticiaram a comoção nacional em função do assassinato de Marielle. A correspondente do argentino *El Clarin* afirmou que é a gota d’água em uma situação repleta de insatisfações relacionadas à situação política e social do país. O colombiano *El Espectador* informou que movimentos sociais convocaram mobilizações em todo o país e que nas redes sociais o público homenageou Marielle utilizando a hashtag #MariellePresente.

O jornal também aponta que, segundo oficiais nas Nações Unidas no Brasil, a vereadora era “uma das principais vozes de defesa dos direitos humanos na cidade”. A mobilização e a comoção também foram noticiadas por diversos outros jornais de todas as partes do mundo como *Washington Post*, *Diário de Notícias* (Portugal) e *El Mundo* (Espanha) – que trata o crime como um balde de água fria em todo o Brasil.

Os jornais também publicaram notícia que mencionam atos em homenagem a Marielle que ocorreram fora do Brasil e posicionamentos críticos à violência no país e à perseguição de ativistas no por parlamentares europeus.